

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

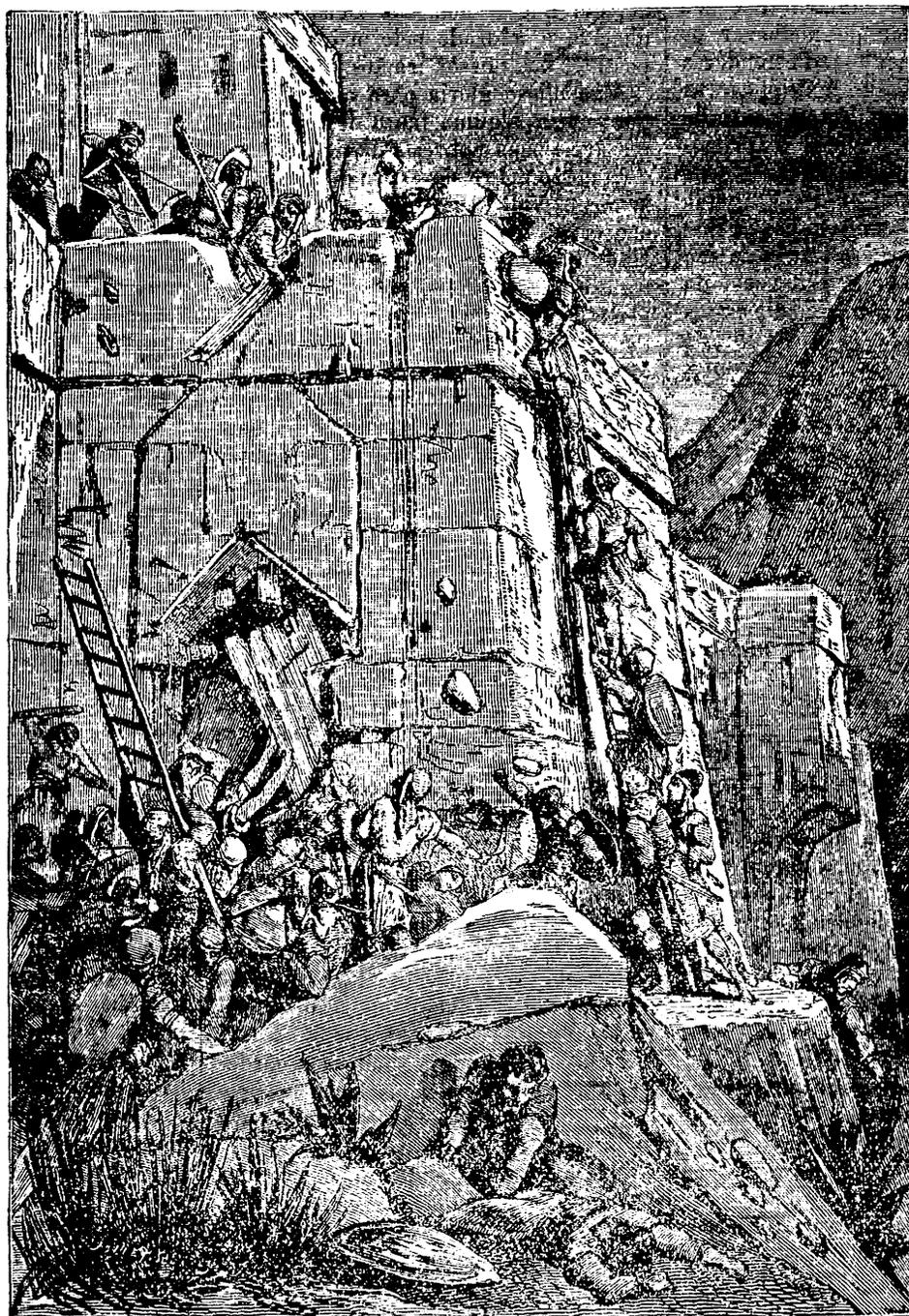
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã* (XLII) Interesses catholicos, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *O sacerdote*, pelo ex.^{mo} sr. Elmano Soab; *A Santa Missa*. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *O raio das nações*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO CRITICA: *Voltarão os Frades?* por Um Catholico; — *A calunnia*, pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro. — SECÇÃO LITTERARIA: *Ha Deus*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *O inverno*, pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro; — *A Caridade*, pelo ex.^{mo} sr. Rangel de Quadros; — *No que eu creio*, pelo ex.^{mo} sr. A. V. P. N.; — *A gratidão e a perversidade*. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: pela redacção. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Tomada de Joppe*; — *S. Niceto, Bispo e Martyr*: pela redacção.

Gravuras: *Tomada de Joppe*; — *S. Niceto, Bispo e Martyr*.



TOMADA DE JOPPE

SECÇÃO DOCTRINAL

Milicia Christã

XLII

INTERESSES CATHOLICOS

CADA uma das classes sociaes tem os seus interesses, que lhe são proprios, e esses interesses ama e os vae afanosa buscando.

Cada uma das familias de nome distincto, ciosa dos titulos do seu glorioso tronco, assim como se honra de levar esse nome e partilhar d'esses titulos, cuida, ou pelo menos deve cuidar, de honrar estes e aquelle com o seu proceder brioso.

O pastor cuida d'augmentar o seu rebanho, o lavrador de melhorar os seus campos, o vinicultor d'estender a vinha, o jardineiro de multiplicar as flores no seu jardim, o negociante de fazer o seu negocio, o pintor d'aprimorar os seus traços e o poeta os seus versos.

O catholico tambem tem o seu thesouro, a sua fé e a observancia da sua lei, a gloria de Deus e o negocio da salvação da sua alma e das almas dos seus irmãos.

E estes interesses os estima em muito, e quanto n'elles mais pensa, mais os ama, porque melhor conhece o quanto valem.

Valiosissimos valores, que sempre valem, riquezas, que nunca faltam, thesouro que o tempo não consome e que fulgirá estavel, como a eternidade augusta, onde descança; interesses são estes que sempre interessam, no tempo e na eternidade. Agora consolam, edificam e recreiam, e na hora extrema serão o quanto fica de quanto o coração amou.

Bens que são a verdade e a justiça para a mente e a doçura incomparavel para o coração.

Riquezas que estão ao alcance de todos, do poderoso e do indigente, do ignorante e do pobre. Todos podemos ser ricos em bens catholicos guardando a lei santa do Senhor que é um thesouro de riquissimas virtudes, cujo merito, abrihantado pela fé e aquecido pela caridade christã, tem um quê de infinito.

Todos, se nos soubermos aproveitar, somos verdadeiramente ricos, porque temos ao nosso dispôr os meritos infinitos de Jesus, os incomparaveis da Virgem Maria, os estupendos de S. José, do Baptista, dos apóstolos e de muitos outros santos.

Mas deverá ser nosso afan constante a apropriação das riquezas do nosso bom Pae, da nossa Mãe Santissima e

dos nossos bons irmãos, guardando conscienciosamente a lei santa, frequentando os santos sacramentos e tomando parte activa nos catholicos cultos e em todas as obras de piedade e caridade christã.

E, como n'estes nossos interesses nem cabe monopolio, porque sendo infinitos ninguem os pôde absorver, nem podem excitar inveja, porque para todos estão patentes e para todos ha na maxima abundancia, os procuramos juntamente para nós e para os nossos irmãos.

Queremos que todos os conheçam, todos os amem e afanosos os procurem, e quanto maior é o numero dos que d'elles participam, mais ricos individualmente nos consideramos.

Temos um interesse vivissimo, grande, por que o nome de Deus seja conhecido e adorado pelo maior numero possivel dos nossos irmãos.

Vae n'isso gloria para nosso Pae, e por cousa alguma tanto deverão interessar-se seus nobres filhos.

O nosso pobre ser está nas suas mãos, a nossa vida Elle nol-a dá e nol-a conserva e os nossos sentidos; porque Elle o quer sentir, o nosso entendimento porque Elle assim o dispoz e pensa o nosso coração, porque para esse fim nol-o dera, ama o bem e aborrece o mal.

Quem tão ingrato que tanto beneficio não agradeça? Quem tão barbaro que tanto bem não ame? Quem tão rude que tanta luz não veja? Quem tão desorientado que em Deus o bem não busque, as delicias não tope, as esperanças não fixe, a paz não ache e o amor não satisfaça?

Sem o beneficio da vida, de que nos serviriam os beneficios dos homens? sem o bem da saude, de que valem os outros bens? sem a ideia da nossa origem e do nosso fim, de que valem as outras sciencias?

Deus nos dera o necessario, para sermos gente, o entendimento, para discriminarmos o bem e o mal, a vontade, para amarmos o bem e detestarmos o mal, Elle, a racionalidade, que nos especifica e a fé que nos ennobrece, os sentidos, que nos põem em relação com tudo, o sensível e a abstracção, que nos abre os horisontes do espiritual e divino.

Deus é para nós a saudosa recordação do passado, a consolação no presente e a unica esperança risonha para o futuro.

Nas suas providentes mãos vivemos até aqui, continuamos vivendo, e viveremos até que a morte nos venha tirar dos caminhos do tempo e nos abra os horisontes da eternidade.

Em Deus deveremos collocar os interesses, que com os talentos, que Elle

nos dera, imos lucrando na jornada d'esta vida mortal, e se assim não fôr achar-nos-hemos com as mãos vazias para o grande dia da eternidade.

As prendas do seu paternal amor são os nossos interesses mais ricos.

A sua lei, a sua doutrina e os seus santos sacramentos a riqueza immensa do nosso thesouro.

Os que temos a honra de militarmos na milicia christã estamos interessados em defender com todo o interesse estes interesses.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

O sacerdote

A SOCIEDADE, hoje, mais do que em tempo algum, encontra-se impregnada d'um virus purulento e fetido, e minada por uma terrivel sanguessuga que, d'uma maneira assustadora, lhe extrahе o sangue, a moralisação! Hoje, mais que nunca, caminha, a passos agigantados, na direcção d'essa vasta voragem, preste a submergir-a! Cada qual, por seu lado, faz gala das doutrinas satanicas, que segue como verdadeiras! Aquelle que se não deixar conduzir por esses falsos apóstolos, propagandistas da desmoralisação, amotinadores e arruaceiros, é considerado escoria da plebe. Precisa de luz com que possa ver todas as falsidades d'essas doutrinas infernaes e reprovadas, como subversivas e perniciosas ao seu fim ultimo. Mas como, na sua maxima totalidade, é indifferente, em materia de religião, não dá um unico passo para concentrar em si os raios que dimanam d'essa luz, e, ao contrario, prefere ficar enlodada no abysmo calotico do erro, entregando-se ás paixões, ao vicio, ao crime, á devassidão. Essa luz que é de primeira necessidade para a sua salvação, é a religião de Jesus Christo, convenientemente administrada pelos seus ministros, os sacerdotes. A classe sacerdotal, que, outr'ora, attingiu as culminancias da consideração, é, actualmente, vilipendiada e exposta ás vaias e arruaças d'uma horda de maltrapilhos e mentecaptos, catholicos de nome. Tal é o procedimento que, jámais, algum encontrou entre os proprios habitantes do Continente Negro.

Mas, qual será a causa da scena que, constantemente, presenciamos? Facil nos será dar uma explicação cabal e peremptoria do espectáculo, de que somos os circumstantes, sem nos embrenharmos n'esse dedalo de doutrinas erroneas, fundamento da mesma sociedade. E' porque o Padre, o sacerdote, é, ainda, um grande obice ao

desmoroamento total dos sentimentos religiosos no povo, obice que os seus adversarios tentam, por todos os meios, vencer! E' que esta classe, não obstante as vicissitudes a que tem resistido, porque está fundada sobre pedra, tanto no passado, como no presente, evita as novidades de doutrina, professa, sempre, os mesmos dogmas e expõe, sempre, as mesmas doutrinas, que fructificam, admiravelmente, nos corações em que calam! E' que esta classe, como sempre, ainda reverencia aquellas palavras do Apostolo das gentes a Thimotheo, bispo de Creta: *devitans profanas vocum novitates et oppositiones falsi nominis scientiae*, não obstante a enormidade de seculos que por ellas tem passado, tornando-as cada vez mais respeitaveis.

Em fim, é esta classe a guarda inalteravel da verdadeira, sã e pura doutrina da religião do Crucificado! E, sem esta, não ha sociedade, verdade que se encontra comprovada por testemunhos pagãos, acerrimos inimigos do christianismo.

Seria fastidiosa e longa a exposição das palavras dos maiores philosophos da antiguidade, entre os quaes sobre saem, pela sublimidade dos conceitos, Plutarcho, Cicero e Platão, e mesmo porque é quasi geral a noticia d'ellas, sendo sufficiente apontal-as.

A religião entra no constitutivo da sociedade. Dizer, que uma sociedade se encontra constituída sem religião, sem uma dependencia superior,—que é a significação etymologica da palavra,—seria o mesmo que asseverar a sua existencia sem os elementos constitutivos, o que é o maior dos absurdos.

A religião é para as enfermidades moraes, o que os medicamentos são para as doenças physicas. Se o medico abandonar a cabeceira do doente, a sua vida periga; assim tambem se o sacerdote, que é o medico verdadeiro da alma, deixar de lhe ministrar os remedios que são a religião, essa alma, irremediavelmente, se perde.

A religião é o unico remedio que temos para nos curarmos das enfermidades moraes. E' a arvore de cuja sombra benéfica podemos achegar-nos, depois de cançados por tantas fadigas e soffrimentos. Por ella, os Israelitas foram sempre favorecidos, desde o dia da sua sahida do ferreo jugo dos Egyptios, até á sua entrada na terra da promissão. Por ella, triumpharam sempre dos seus inimigos, mas logo que voltavam as costas ao verdadeiro Deus, adorando os falsos, tambem Deus desviava d'elles a sua face, e vinham os inimigos e derrotavam-os! E' o *labaro*, em redor do qual se reuniam todos os povos, antes de partirem para o combate! E' ainda ella o meio mais efficaz

para a civilização, e, com razão, deve ser preferida ao ensino militar! Pode este formar os grandes Cezares, os grandes conquistadores, mas aquella forma-lhes os corações grandes e magnanimos.

A obediencia, desde o momento em que não tenha por fundamento o dever, a obrigação, moralmente entendida, nada vale! Um grande Guerreiro desde o momento em que não implore os auxilios do ceo, não ore pelo seu bom exito, no combate, é, qual outro Juliano, um temerario, um preverso, um infame e debalde tentará vencer o inimigo.

A religião mitiga os corações, ainda os mais exaltados.

O homem sem religião, seria peor que as feras, porque estas parecem, ás vezes, parar, na sua marcha sangrenta, contra a humanidade.

O homem, assim, contrariando os dictames da sua razão, em breve se tornaria em inimigo da propriedade, do bem publico e amante do assassinio.

São tristes, profundamente tristes as consequencias d'uma sociedade sem religião!!

Por isso, continuemos sempre, não enfraquecendo jámais, a dirigir os nossos actos em harmonia com os sãos principios da religião, que, felizmente, professamos, evitando, como nocivas a nós e á sociedade, as falsas doutrinas d'esses pseudo prophetas que se arvoram em destruidores do que elles chamam preconceitos da humanidade.

E, resistindo-lhes, fortes na fé dos dogmas, que a Egreja catholica ensina, rebatamos, na vanguarda dos seus ministros, os sacerdotes, á medida das nossas forças, as suas theorias de bordel.

Nós, catholicos que estamos ao abrigo da verdade, e, porisso, em melhor situação, embora não tenhamos, materialmente fallando, forças necessarias para podermos competir com elles, protestemos, vivamente, energicamente e bem alto, contra as suas falsidades, expulsando d'entre nós, ás azoragadas, os vendilhões do templo, e que este protesto nosso sõe bem alto, excitando os nossos irmãos no catholicismo a alistarem-se, tambem, n'esta santa cruzada contra os propagandistas do erro.

ELMANO SOAB.

A Santa Missa

ENTRE os papeis do Beato Diogo José de Cadiz, encontrou se um, onde aquelle veneravel Padre missionario tinha annotado as palavras com que os Santos Padres e Doutores da Egreja

exaltavam os meritos que ha em celebrar e em ouvir o sacrificio da missa.

E' impossivel copiar todos aquelles formosos trechos, mas vamos apresentar reunidos os testemunhos que nos pareceram ser de mais utilidade para os fics, afim de que estes mais e mais estimem as graças espirituaes da Santa Missa.

S. Bernardo, fallando das utilidades da Missa, diz:

«Que o que devotamente, e em graça, ouvir Missa, merece tanto como se fosse peregrinando visitar todos os logares santos de Jerusalem e caminhasse por toda a terra santa.»

S. Boaventura, com outros muitos Padres, diz: «Que a Santa Missa é o compendio das maravilhas que Deus fez com os homens.»

Santo Agostinho, diz: «Que aquelle que ouvir devotamente a Missa, alcançará abundantes graças para não cahir em peccado mortal, e ser-lhe-hão perdoados os seus defeitos e peccados veniaes e imperfeições.»

N'outro lugar diz: «Que todos os passos que uma pessoa der para ouvir Missa, são escriptos e contados pelo seu anjo, e por cada passo lhe dará o Altissimo Deus um grandissimo premio n'esta vida mortal e perecedoura.»

Refere o mesmo Santo: «Que o que ouvir devotamente a Missa e visitar o SS. Sacramento, afugenta o demonio do peccador.»

Mais adeante refere: «Que ao que ouvir a Missa inteira, não lhe faltará o sustento necessario e alimento para o seu corpo.»

N'outro lugar continua dizendo: «Que emquanto se ouve Missa, não se perde o tempo, mas ganha se muito, por muito moroso que o sacerdote seja na celebração do Santo Sacrificio da Missa.»

O grande Padre Santo Agostinho, fallando com os que foram muito devotos das benditas almas do Purgatorio, disse estas breves palavras: «Quem pelos defunctos ouve missa e ora, para si proprio trabalha.»

Santo Anselmo disse: «Que mais vale uma Missa ouvida em vida, que mil resadas pela sua mesma pessoa depois da morte.»

O mesmo santo: «Que uma Missa subrepuja e excede á virtude de todas as orações, quanto á remissão da culpa e da pena.»

N'outro lugar diz: «Que ouvir devotamente uma Missa ou dar alguma esmola para que se celebre, aproveita mais que deixal-as para celebrar depois da sua morte.»

S. Gregorio disse: «Porque nenhum sacrificio ha em todo o mundo pelo qual as almas dos defunctos com maior promptidão saiam e se livrem das penas do

Purgatorio que pela santa obrigação e Santo Sacrificio da Missa, como o manifestam os theologos.»

O mesmo Santo diz: «Que a pena dos vivos e dos defunctos se suspende no instante da celebração da Missa, e principalmente por alma d'aquelles por quem com especialidade se roga, ora e oferece a Missa.»

Continua o mesmo Santo dizendo: «Que pelas Missas ouvidas e ditas com devoção, os peccadores se convertem a Deus, as almas livram-se das penas que pelos seus peccados mereciam no Purgatorio, e os justos encontram-se no caminho da justificação.»

Por ultimo, diz o mesmo S. Gregorio: «Que pelas Missas que na igreja se celebram se convertem os infieis á fé de Christo, as almas das penas do Purgatorio voltam para o céu e os justos se asseguram na graça de Deus.»

S. Jeronymo diz: «Que as almas que estão nas penas do Purgatorio pelas quaes o sacerdote ora e roga na Missa, n'aquelle momento nenhum tormento padecem enquanto o Santo Sacrificio se celebra e diz por ellas.»

O mesmo Santo diz: «Que por qualquer Missa celebrada e ouvida com devoção se tiram muitas cabeças das penas do Purgatorio e ás almas que alli estão se lhes diminuem as muitas penas que alli padecem.»

Santo Alberto diz: «Que o Santo Sacrificio da Missa está tão cheio de mysterios como o mar cheio de gottas, como o sol de atomos, o firmamento de estrellas e como o céu empireo de muitissimos anjos.»

N'outro logar diz: «Que o que na Missa contempla a Paixão e Morte de Nosso Senhor Christo, merece mais que se tivesse peregrinado de pé descalço os logares santos de Jerusalem, jejua-do a pão e agua um anno e se açoutasse até derramar todo o sangue de suas veias e regado trezentas vezes o Psalterio.»

S. Cypriano disse: «Que o Santo Sacrificio da Missa é medicina para sanar as enfermidades e holocausto para pagar as custas.»

S. João Chrysostomo disse: «Que a celebração da Missa em certa maneira vale tanto quanto vale a morte de Christo na Cruz.»

O Papa Innocencio disse: «Que pela virtude do Sacramento da Missa, se augmentam todas as virtudes e se accrescenta a graça.»

João Baptista Mantuanodiz: «Ainda que Deus me desse cem linguas, e com ellas uma voz de aço que nunca se me gastasse, não era possivel declarar e manifestar as utilidades, graças, privilegios e grandes proveitos que se gosam com assistir em graça á Missa.»

S. Bernardino de Senna disse: «Que

a Missa é o maior bem que se póde offerecer pelas almas para as tirar do Purgatorio e levar-as a gosar da santissima gloria.»

S. Lourenço Justiniano disse: «Mais agrada ao Altissimo Deus o Sacrificio da Missa, que o merito de todos os anjos.»

O Papa Eugenio disse: «Que mais aproveita para a remissão das culpas e penas ouvir uma Missa, que todas as orações do mando.»

O Concilio de Trento: «Que pelo Santo Sacrificio da Missa se applaca Deus e concede a graça e dom de penitencias.»

«O Santo Sacrificio da Missa, diz S. Francisco de Sales, é o sol dos exercicios espirituaes, o coração da devoção, a alma da piedade e o centro da religião.»

E por conclusão, disse o angelico Doutor S. Thomaz d'Aquino: «Que os effeitos que causa o Santo Sacrificio da Missa e ouvil-a, são os seguintes: Resiste aos maus pensamentos; destroe os peccados; mitiga o estimulo da carne; dá forças para batalhar contra os inimigos; perdôa os peccados veniaes; alenta a bem obrar; augmenta a castidade; accrescenta o fervor da caridade; dá forças para soffrer as coisas adversas e enche a alma de todas as virtudes. E, emfim, para o dizer d'uma vez: quantos fructos, privilegios, dons e graças a alma fiel espera receber da mão do Altissimo Deus, todos são pela Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, a qual se representa no Santo Sacrificio da Missa.»

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 41)

CCLXXVIII

P. João Dez

NASCEU este sabio Jesuita em Champagne (França), em 1643, e morreu em Strasburgo, em 1712, na qualidade de provincial da Companhia de Jesus. Tambem foi por algum tempo reitor do collegio de Sedan.

Vivendo no maior esplendor do seculo de Luiz XIV, o P. João Dez foi muito estimado por este rei, sendo empregado em varias negociações. Como director espiritual do delphim, seguiu-o na sua viagem á Allemanha e a Flandres.

O P. Dez dedicou-se ao ministerio do pulpito, que exerceu com grande

sucesso; e trabalhou com zelo e com fructo na conversão dos calvinistas, de que então havia grande numero na França. Varão verdadeiramente apostolico, de elevadas virtudes, humilde, de extraordinario talento, este Jesuita era amado de todos, grandes e pequenos.

Um dos Prelados mais illustres d'aquelle tempo, na França, Guilherme de Furstemberg, Cardeal Bispo e principe de Strasburgo, de concerto com Luiz XIV, tentou estabelecer n'aquella cidade um collegio, um seminario e uma universidade catholica; para tratar d'este negocio de tanta importancia incumbiu o P. João Dez. O rei confiou a universidade aos Jesuitas, sendo o P. Dez nomeado seu reitor.

Por isto e por outros motivos se vê a grande consideração de que então gozavam na França os Jesuitas.

O P. João Dez deixou muitas obras religiosas, pela maior parte dirigidas á conversão dos deistas, judeus, mahometanos, protestantes e outros herejes e dissidentes, e em confirmação da fé catholica.

N'estes escriptos revela profundos conhecimentos theologicos, e, além de outras qualidades, nota-se uma circumstancia pouco commum, a saber: clareza e precisão, muito apreciaveis em obras d'este genero.

CCLXXIX

P. Henrique Engelgrave

E' bem conhecido este Jesuita entre os auctores asceticos do seculo XVII, sendo considerado como classico n'este ramo da litteratura christã. A cada passo o vemos citado pelos que se occuparam de obras espirituaes; Santo Affonso de Liguori muitas vezes se auctorisa com as suas ideias sobre a direcção das almas.

Henrique Engelgrave nasceu em Anvers (Belgica), em 1610, e morreu na mesma cidade a 8 de março de 1670. Passou os seus dias na Ordem de Santo Ignacio escrevendo e orando, servindo a Deus e á Igreja; era um santo homem.

Os escriptos que compoz, entre os quaes merece especial menção a *Luz Evangelica*, o mostram um grande mystico, experimentado no caminho da perfeição christã, que elle ensinou com a palavra e com o exemplo.

Por ultimo advertiremos que elle teve um irmão por nome João Baptista Engelgrave. Tambem professou na Companhia de Jesus e publicou livros de piedade e devoção.

E' mais nomeado o primeiro, de quem nos temos occupado.

CCCLXXX

P. Jacques Tarteron

Assim se chama um sabio litterato, que nasceu em Paris, em 1645, e foi distincto professor de rhetorica e de grammatica latina no famoso collegio de Luiz o Grande. Morreu este Jesuita na mesma cidade, em 1720.

O P. Jacques Tarteron é conhecido pela traducção em francez das obras poeticas de Horacio, Persio e Juvenal, auctores classicos latinos. O seu trabalho é muito estimado pelos latinistas.

E' sabido que Horacio e Juvenal teem nas suas obras algumas phrases e expressões indecentes, que não convem pôr deante da mocidade. Para evitar este inconveniente o P. Tarteron suprimiu na sua traducção tudo o que podia offender a honestidade.

Por este motivo tem sido apreciado e louvado o trabalho do Jesuita Tarteron.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

O raio das nações

NA um bruto e fero monstro, cujos instinctos são violentar a fraqueza, paralisar a agricultura, prejudicar o commercio, atrazar as artes e as sciencias, profanar os templos, opprimir os povos! E quasi sempre por onde quer que passa, para cumulo de vandalismo e selvageria, o seu sonho predilecto, a sua vida, o seu mister... é roubar, assassinar, queimar, assolar, arrazar, abuzando sempre de tudo com a mais rude atrocidade! Este fero e bruto monstro, senhores, é a bruta e fera Guerra!

Por ella se arrazou Troya, em cujo cerco pereceram milhões de heroes!

Por ella perdeu Artaxerxes um milhão e 600 mil homens com toda a sua armada, podendo-se elle apenas escapar n'um bargantim mal equipado!

Por ella perdeu Cyro 200 mil combatentes, sem que lhe tivesse escapado um só que á Persia levasse a triste nova de tão grande desgraça!

Por ella, finalmente, foi Napoleão encarcerado na ilha de Santa Helena, aonde acabou seus dias, como um simples mortal, mas talvez bem, ás 6 horas da tarde de 5 de maio de 1821, dizendo, ou antes, gemendo pouco antes da sua morte:

«Se eu tivesse morrido no meio do esplendor de todo o meu poder, seria um problema para muita gente; mas assim, graças á desgraça, puderão julgar sem hezitar.»

E d'outra vez, conversando com o general Bertrand, disse, entre outras coizas: «Christo não foi um homem. A sua religião é um mysterio existente por si só, que não procedeu d'intendimento algum humano. Ha n'ella uma profunda peculiaridade de character que tem produzido uma cadeia de doutrinas e maximas desconhecidas antes d'ella.

«Jesus não tomou nada emprestado aos conhecimentos humanos, nem foi philosopho; porque as suas provas eram milagres, e seus discipulos o admiram desde o seu começo.

«Eu morro antes de tempo, e o meu corpo ha-de ser posto debaixo da terra, para pasto dos bichos! Tal é a sorte do grande Napoleão!

«Que abysmo entre a minha miseria e o eterno reino de Christo proclamado, amado e adorado, espalhando-se pelo mundo inteiro!... Teria isto sido morrer? Não, foi antes viver!»

E vendo que Bertrand lhe não respondia, accrescentou: «Se vós não sabeis que Jesus Christo é Deus, confesso que tenho errado em vos ter chamado general.»

Que vos parece o grande Bonaparte? Mas deixando-o em paz, voltemos ao assumpto, accrescentando ainda que muitas guerras se teem feito injustas, ou sem causa: senão vejamos:

Pela simples cobrança d'um pescado a soffreram n'os povos de Naxo, cujo resultado foi perderem n'a sua liberdade, como é sabido.

Pela vingança da morte d'um gato, segundo Strabo, a sustentaram—e cruelissima—os egypcios contra os romanos.

E pelo furto d'um cão, a fizeram n'os escocozes aos inglezes, que lh'o tinham levado... talvez por engano, sendo que, com estas, muitas outras teem começado: isto é, por ninharias sem importancia, como por exemplo o *estulto capricho* d'um principe ou governante qualquer.

E pelo *capricho* ou *estulticia* de dois homens, sacrificam-se duas nações! Com que direito?... A Cezar o que é de Cezar. Se a duvida é entre elles, elles que a desfaçam; porque, além das vidas perdidas, como recompensar orphãos e viúvas?

Depois d'uma bruta guerra... que d'esposas sem marido, que de filhos sem pae, que de virgens violadas, que de ricos empobrecidos, que de ambiciosos... ricos, que de pobres mendigando, quando não seguem n'ó exemplo de seus brutos oppressores!...

Dois exercitos em campo, são dois corpos d'assassinos mutuos! E, quando Satan quer, e Deus, para flagello dos povos airados, o consente, transformam-se em duas nuvens de tão bar-

baros salteadores, que tanto acommettem n'ó octogenario, como o recém-nado!

Horrida coisa é a guerra! E tanto o é que Archidamo, rei da Lacedemonia, ao voltar triumphante do campo da batalha que acabava de ganhar aos arcades, ao ouvir as bajulações d'alguns cortezãos, lhes respondeu friamente: «Sim, sim! Mas antes eu os quizera ter vencido pela palavra, do que pela força!» E tanto o é que, d'outra vez, como *nec semper lilia florent*, são n'os proprios guerreiros lacedemonios que depois de sangrentas luctas, exclamam vencidos: «Prouvera a Deus que as nossas armas sempre tivessem estado cheias de ferrugem e teias d'aranha!»

E tanto o é que os romanos, depois do seu concerto de paz com Porcena, disseram: «O ferro, d'ora avante, só será empregado na agricultura de nossos campos!»

Finalmente, senhores, a guerra é muito propria d'ursos e tigres, porque se não comprehendem; mas de homens que raciocinam e teem obrigação de concertar-se do melhor modo, porque ninguem deve querer para os outros o que não quer para si, nunca o foi, nem o ha de ser. Guerra entre homens racionaes! Parece impossivel haver-a; mas ha-a, ó Christo, e ha-a porque uma grande parte dos homens são mais feros e mais irracionaes do que os ursos e do que os tigres! (N. Bonaparte).

Mal haja o que sobre a terra
Primeiro fallou em guerra!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO CRITICA

Voltarão os Frades?

(Continuado de pag. 53)

NPOSTO que receiemos, que se torne enfadonho um tão longo capitulo, acerca d'esta materia, sempre daremos algumas noções d'aquelles termos e da sua origem. Com isto esclarecemos os illudidos de boa fé e rebateremos os praguentos, que só teem em mira desacreditarem, quem já não pôde defender-se.

= Fallemos da *tremenda*.

Entre os frades *bernardos*, havia um uso, que já viera dos *bentos*, dos quaes eram aquelles uma reforma. Este uso passou aos conegos rograntes (aos *cruzios* principalmente) e ainda a outras instituições monasticas.

Nos conventos d'essas Ordens, o jantar era cedo. Ao meio dia n'uma parte do anno e no verão ás onze horas. Para

não estarem os frades desde o jantar até á ceia, sem tomarem outra refeição, era-lhes levada ás cellas, pelos creados e em taboleiros, uma parca merenda. Consistia ella, apenas e para cada um, em uma fatia de pão (de trigo ou de milho), um pires de tremoços, ou de nozes, ou d'outra qualquer fructa, madura ou secca, e um copinho de vinho, que era a terça parte de um quartilho.

Os criados, chegando á cella de cada frade, batiam e deixavam-lhe á porta a competente refeição. Depois de percorrerem o convento, voltavam por os mesmos aposentos a recolherem as louças, bem como as merendas dos que as dispensavam, ou alguns crescimos, que houvessem.

Alguns maldizentes, porém, desejando desacreditar e menosprezar as instituições religiosas, diziam, que todas estas não tinham merenda, mas sim *tremenda*, (era para rhimar!), e que a tal *tremenda* consistia em todos os frades comerem á meia noite (!) uma grande porção de toicinho, que lhes era levado ás respectivas camas, e para isso eram accordados com grande gritaria de psalmos e canticos.

É o visconde de Almeida Garrett no seu poema — *Dona Branca* — lá metteu isso em versos gregorianos e com grande gaudío dos inimigos dos frades!

— Fallaremos agora do *copinho da socega*.

Em alguns conventos, (em muito poucos, só nos mais abastados), havia um uso, que não era tão censuravel, como alguém fez acreditar. Alguns frades, pela sua idade e achaques e pelos serviços, que prestavam ou haviam prestado ás suas Ordens, gosavam de um mimo, que, attendendo áquellas circunstancias, era bem innocente e até certo ponto justificavel.

Era o seguinte: Nas noites mais frias de inverno e attendendo á intemperie do local do convento, era levado pelos leigos a cada um d'esses frades, depois que estava recolhido, um copinho de vinho generoso.

Com igual mimo eram brindados os hospedes de curta assistencia.

O leigo, ao dar as boas noites, costumava dizer ao frade, depois que este bebia — *Socegue, irmão* — ou — *Estimarei, que Vossa Reverencia socegue*. E d'ahi lhe veio o nome. E, por este motivo, não faltou quem dissesse, que os frades, depois de se deitarem, bebiam, não um copinho de vinho generoso, mas vinho sem conta nem medida, que os obrigava a dormirem, como quaesquer animaes suínos!!!

E' até onde póde chegar o espirito da maledicencia e da malevolencia!

— Tambem se fallou muito das *ceias de principe*.

Estas ceias já não se usavam, havia

muito, quando foram extinctas, em Portugal, as Ordens religiosas e nem em todos os conventos estiveram em uso. Só as Ordens mais ricas tinham essas ceias, e só eram dadas nas principaes festas do anno e nas dos Patriarchas, e áquelles individuos, que, por seus trabalhos extraordinarios e de occasião, haviam mais necessidade de restaurarem as forças perdidas.

E querem os leitores saber, (se já não sabem), em que consistiam essas grandes ceias, que, pelo nome de *ceias de principe*, se podiam suppôr, que eram uns banquetes nocturnos? Essas refeições consistiam apenas, em meia gallinha cosida com arroz. E não era coisa de espantar, por que o individuo, brindado com tal ceia, era d'ella merecedor.

*

Tambem se fallou muito nas *ceias lambertinas*.

Não sabemos, por que tinham este nome, as ceias, que em certos dias do anno consistiam n'um prato de favas com presunto e que alguns individuos alcunhavam de ceias lautas!

Em alguns conventos, nas quartas, sextas e sabbados só havia meias ceias. Estas consistiam n'um prato de hervas com dois ovos.

*

Em geral, nos conventos dos frades, não se tomava chá. Só era dado aos hospedes ou a algum padre mais grave, ou áquelles, que pela sua idade e doenças, o tomavam por indicação dos medicos.

No entanto, alguns o tomavam particularmente nas suas cellas, mas á sua custa, como á sua custa almoçavam aquelles religiosos, a quem os conventos não ministravam em communidade o almoço.

Agora, dirão os pragueiros, que isso não é crível, visto que tudo nos conventos era commum e ninguem possuia bens particulares nem rendimentos proprios.

Nós vamos explicar-lhes isso, se não o sabem ou o fingem ignorar.

A alguns religiosos, quando professavam, era-lhes permittido, além do dote, com que entravam para o convento, o poderem ficar com alguns bens ou que já tivessem ou que depois herdassem ou houvessem de herdar, muito embora, por morte d'esses religiosos, todos ou alguns d'esses bens, devessem reverter em favor do respectivo convento ou para os parentes dos mesmos religiosos.

Outros religiosos, que eram pré-gadores, além da respectiva esmola, que revertia para a caixa geral do convento, recebiam alguma gratificação,

que, sob qualquer titulo, lhes davam os mordomos, que faziam as festividades, para que tinham sido rogados esses pré-gadores.

Em alguns conventos eram cedidas as esmolas de um certo numero de missas aos religiosos, ou para lenços, ou para rapé, ou para os almoços, ou para outros fins, segundo os usos das casas.

Tambem as esmolas dos exorcismos revertiam, no todo ou em parte, em favor d'aquelles religiosos, que estavam auctorisados, para taes actos e n'elles se empregavam. E da mesma fórma e respectivamente revertiam todas ou algumas das esmolas das assistencias a festividades fóra dos templos, pertencentes aos conventos ou ás respectivas Ordens.

Estes e outros auxilios, ordinarios ou extraordinarios, davam a alguns religiosos os meios para poderem fazer as suas despezas particulares, taes como os seus almoços, o seu chá vespertino, o rapé, a compra de alguns livros, estampas e outros objectos permittidos e, finalmente, os meios para poderem brindar, nas suas cellas, os parentes e os amigos, que os visitavam, com auctorisação do prelado da casa.

Isto, porém, não quer dizer, que esses religiosos tivessem nas suas gavetas dinheiro á grande. Quem quizer, póde consultar algumas obras, que tratam do assumpto e indagar de pessoas, competentes para darem taes informações, e ficará sabendo, que não eram grandes as quantias, de que podia dispor cada um d'esses religiosos e que nem lhes era permittido o adquirirem annualmente grandes quantias.

*

Por o que ahi fica, já veem os nossos leitores, que, nos conventos, não se comia tão glotonicamente, como se dizia e ainda hoje se diz.

E quem o dizia, e quem o diz? Serão, por ventura, individuos frugaes, parcós, sobrios, modestos e sempre limitados nas suas refeições? Já aqui o dissemos e ainda o repetimos: Os que mais gritam contra a fartura, com que se tratavam os frades, não estão nos casos, que apontamos. São os que gostam de passar bem e que muito melhor passariam, se podessem. E, ainda assim, não poucos passam melhor do que lhes permittem as suas circunstancias, muito embora não paguem as dividas antigas e deixem envelhecer as que forem contraindo.

Continuaremos a fallar ácerca dos defeitos dos frades nos capitulos seguintes.

UM CATHOLICO.



S. NICETO, BISPO E MARTYR

A calumnia

Vou tentar desenvolver os principais pontos, porque é de summa importancia aos homens e á sciencia.

Dizia um jurisconsulto americano, que a calumnia é a falsa imputação que fere o homem no que tem de mais caro e precioso, na honra e na opinião; fel que amarga a nossa vida, e para pintal-a com uma simples pincelada, verdadeiro assassinato moral, como o ha definido muito bem um orador moderno.

A calumnia é o vicio favorito do malvado, a enfermidade incuravel das almas debeis e o odio da impotencia.

É uma arma que se encontra ao alcance de todo o mando, tão terrivel nas mãos do nescio como nas do homem de talento. A differença consiste unicamente em que este assassina com instrumento menos grosseiro. «Calumnia, dizem os malvados, porque

sempre ganhas alguma coisa; se a chaga se cura, fica ao menos a cicatriz.»

Voltaire, com o seu caracter incisivo e pouco caritativo, e o seu gosto bem pronunciado pelas represalias, disse que para cural-a, se compressa o escorpião sobre a chaga. Os russos tem um proverbio, tomado, segundo se julga, dos italianos, pelo qual se compara a calumnia ao carvão, que suja, quando não queima; e um dos melhores poetas modernos, Mr. Krilof, fioge n'uma fabula que se suscita uma disputa sobre a preferencia entre algumas familias do inferno e se concede ao calumniador, fazendo-o passar sobre a serpente e os animaes mais nocivos e immundos.

O temor que fez levantar mais altares ás divindades maleficas que o reconhecimento e o amor aos deuses bemfeitores da humanidade, converteu tambem a calumnia n'um objecto de culto mais reverenciado entre os pagãos.

Os gregos lhe chamavam *Diavole*,

d'ondé veiu o nome de diabo que damos a Satanaz, como pae da mentira e da calumnia.

Os pastores de Isaac, segundo o Genesis (c. 26 v. 20) deram o nome de calumnia ao poço por elles aberto nas proximidades de Gerara, e que lhes tiraram á viva força os pastores de Abimelech, rei d'aquella região. Assim, o poço da calumnia, é o poço da mentira, da injustiça, da violencia, da fraude e da oppressão.

Conta-se um facto muito notavel do pintor Apelles a proposito da calumnia.

Citado a comparecer perante o rei do Egypto, por falsas deposições de um rival, elucidou aquelle principe ácerca, das machinações do seu inimigo, por meio da mais bella allegoria que tem podido crear o pincel do pintor ou a penna do poeta. Pintou um quadro no qual a credulidade, com as orelhas de Midas, occupa o primeiro lugar, sentada n'um throno, tendo a seu lado a ignorancia e a suspeita.

A credulidade tem na mão a calúnia que se adiante até ella com o resto incendiado. Esta figura principal, occupa o meio do quadro; com uma das mãos agita um pavio acceso e com a outra arrasta a innocencia pelos cabellos; esta ultima acha-se representada sob a forma de uma formosa joven, que levanta os olhos ao céu e o toma por testemunha do mau tratamento que experimenta.

Diante da calúnia marcha a inveja com o rosto livido, o olhar maligno, acompanhada da fraude e do artificio, de cujo auxilio se vale para occultar a sua hediondez e deformidade. A alguma distancia, se distingue o arrependimento, representado por uma mulher afflicta; tem desgarrados os seus vestidos, toda ella em attitude de desesperação, volve os olhos banhados de lagrimas para a verdade, que se vê ao fundo, e que avança lentamente sob os passos da calúnia.

*
* *

Pode caluniar-se de muitas maneiras, tanto com palavras, como com acções ou o silencio. Calar em certas occasiões, é consentir a calúnia, e por conseguinte, ser-se cúmplice n'ella.

Absentes qui rodit amicus, qui non defendit alio culpante, his niger est, disse Horacio com summa verdade e exactidão.

Poderia citar muitos exemplos dos desastrosos efeitos com que a calúnia tem affligido sempre a humanidade; todavia omitto-os, porque são desgradamente demasiado frequentes no estado da nossa civilização moderna.

Legalmente considerada, a calúnia tem sido sempre objecto das mais severas disposições em todos os paizes civilizados, e não é sem razão, por ser um dos delictos mais odiosos, mais injustificados e que mais expõem a innocencia a ser o juguete da maldade e da perfidia.

Concluirei, pois, estas reflexões philosophicas, com as palavras que dirigiu Jesus Christo aos accusadores da mulher adultera: «Aquelle que entre vós outros se encontra sem peccado, atire a primeira pedra».

Versão.

J. P. MINEIRO.

SECÇÃO LITTERARIA

HA DEUS

Quem ha de negar
Um Deus criador?
Quem não ha de achar
Da estrella o auctor?

A obra é a prova,
Jesus a certeza:
E' ver da Lei nova
A celea belleza!

Que sabios conselhos
Na santa doctrina!
Que bellos espelhos
Na historia divina!

O homem perece,
Deus é e será:
Quem d'isto se esquece
Que contas dará?...

Dos povos a crença
E' coisa sublime:
Tocal-a é licença
Roubal-a é um crime!

Se não, que mal faz
A crença do crente
Que ao céu pede a paz
Do mundo insurgente?...

Arreda-te, inferno,
Que o crente quer crêr
No Deus sempiterno
Que lhe ha de valer.

ALVES D'ALMEIDA.

O INVERNO

*A meu primo
particular amigo e joven theologo José Craveiro*

Nas margens do riacho caudaloso,
Se abriga o fero bicho, o peçonhento;
As arvor's sacudidas pelo vento
Nos mostram o inverno rigoroso.

Então o mesmo atheu, n'este momento,
Contemplando este tempo tão chuvoso (?)
Ouvindo o trovejar mui temeroso
Os rolos do Senhor medita attento.

Por fim a trovoada se desata
Ouvindo-se o sussurro da cascata
Que existe junta ao fundo barracão.

Alem se engrossa o grandioso rio,
Aqui se ouve agoirento e triste pio,
Terminando este cahos o trovão.

J. P. MINEIRO.

A CARIDADE

(INEDITA)

Ha uma Trindade mystica,
que illumina a consciencia
e tem a celeste essencia
de animar os coraçãoes!
São tres virtudes sympathicas,
que inspiram as nossas almas
a conquistarem as palmas
nas mais heroicas acções.

Se tres graças tinha a Fabula,
tres irmãs na formosura,
do tres graças com doçura
Jesus tambem nos fallou.
São tres flores sempre vividas:
a Fé que diz: Humildade;
Esperança e Caridade,
que Elle tanto aconselhou!

Mas, d'essas irmãs tão intimas,
sempre é maior e mais nobre,
essa, que protege o pobre;
essa, que minora a dôr.
Eleva os nossos espiritos!
E o vate, em seu alaude,
a canta = meiga virtude =,
por que só falla de amor.

Ella, sob um manto alvissimo,
innocentes agasalha
e beneficios espalha,
inspirada pelo Céu.
Enchuga com as mãos próvidas,
dos infelizes os prantos,
e rasga com seus encantos
da tristeza o denso véu!

Por toda a parte ella humilima
rebrilha sem ter vaidade;
= pois no mundo a Caridade
com modestia brilha mais. =
— Como violeta esconde-se
às vezes por entre brenhas
e até faz brotar de penhas
flores, que não tem rivaes. —

Vae ella, ao pobre tugurio,
dar ao entrevado a esmola.
As creancinhas consola
com terna dedicação.
— Percorrendo os campos bellicos,
trata do infeliz soldado,
que ali ficára prostrado,
fiel á sua Nação! —

E, como virtude angelica,
perdoar sempre deseja,
muito embora grave seja
a offensa, que recebeu.
— Para com todos benevola,
respeita todas as crenças.
Não conhece differenças.
Sempre a todos protegeu! —

Soffre tanto o ardor dos trópicos,
como o gelo esta virtude.
No estado mais pobre e rude
se reputa mais feliz.
— Percorre grandes distancias.
Seus protegidos defende.
Todas as linguas entende.
Todo o mundo é seu paiz! —

E, quanto mais é solícita,
mais se mostra com belleza.
E, no meio da pobreza,
brilha com mais esplendor.
E, sempre meiga, sorrindo-se,
ganha immarcesciveis palmas
aquellas singelas almas,
que lhe votam puro amor.

Devemos amar do intimo
a sublime Caridade.
Sua mão á Eternidade
ha de elevar, quem a amou.
Por suas acções beneficicas,
evita cruéis flagícios.
E tambem dos torpes vícios
quantas almas arrancou ?

Pó le ainda além do tumulo,
quem a exerce, ser lembrado.
Ha de o sou nome exaltado
ser com pura gratidão.
— Serão nos futuros seculos
suas acções nobre exemplo;
como sempre, a Cruz e o Templo,
da piedade o sorão! —

O' Fé, virtude dos Martyres,
a quem trazes a bonança;
grata, mimosa Esperança,
que alontas os corações,
sem essa irmã dilectissima,
que aos tristes enchuga os prantos,
vós não teríeis encantos
nas mais heroicas acções!

(Avoiro)

RANGEL DE QUADROS.

No que eu creio

Noi um milagre. Ora vejamos.
Era quasi sol posto. Ouvia-se
ao longe o chilrear dos passarinhos nos
prados e o som monotono das rãs can-
tando nas margens da ribeira; e pelos
caminhos, com o sorriso nos labios e
cantando hymnos á *Mãe de Deus*, via-
se enorme multidão de gente — velhos
e moços, pobres e ricos; e eu passeava
admirando tudo e todos, esperando
que o bronze na torre da minha terra
me chamasse para a igreja.

Passados momentos, o toque dos si-
nos fez-se ouvir nos limites de toda a
freguezia annunciando a todos que a
festa ia começar.

Tratava-se de levar algumas imagens
e estandartes da igreja para a roma-
ria. Depois d'uma pequena demora,
eu e todos estavamos promptos para
aquelle acto religioso.

Partimos. Durante o transito divi-
sava-se no rosto de todos a alegria que
lhes ia n'alma; e quando a imagem da
Virgem passava em frente dos diver-
sos grupos de romeiros, estes ajoelha-
vam respeitadamente, mostrando assim
que lhe eram devedores de grandes
beneficios.

Em meio do caminho, porém, nota-
se no semblante dos que conduziam a
imagem de S. Sebastião que elles iam
impacientes e talvez... quem sabe?
maldizendo a festa porque o santo pe-

zava muito e o caminho era mau! Mi-
lagre, milagre, exclamarei eu!!!

Parece que mal acabavam de se
mostrar impacientes os que conduziam
o andor, o santo precipita-se sobre um
montão de pedras!

Isto foi, com certeza, uma severa
reprehensão da parte do santo áquel-
les que o conduziam no andor!

Acode muita gente em tropel cen-
surando aquella gente que, talvez por
descuido, deixára cahir o santo.

Puro engano. Só o santo havia ca-
hido ficando todos e tudo o mais direi-
to. Julgámos que a imagem tivesse fi-
cado inutilisada...; mas oh! milagre!
nem a mais leve mancha ou defeito se
lhe encontrou!

Haverá ainda alguém que duvide
dos milagres?

Haverá alguém que não creia nos
ensinamentos da nossa Religião, cujos
santos tantos milagres operam?

Ha sim; mas esses, se não acreditam
em a nossa Religião, se a seu talante
seguem só o que bem lhes parece, é
porque não lhe convem seguir as dou-
trinas d'uma Religião santa que vae
oppôr-se ás suas paixões; querem ser
lascivos, espertos á moderna e maus.

PADRE A. V. P. N.

A gratidão e a perversidade

QUEM não sente no seu peito o nobre
sentimento da gratidão, é um per-
verso, porque a perversidade e a gra-
tidão só teem um logar no coração do
homem.

Occupado esse logar por uma d'el-
las, a outra fica de fóra; mas em con-
stante lucha com a sua adversaria.

Mas como a gratidão e a perversi-
dade são dois sentimentos innatos e
antitheticos, nunca se vencem entre si,
são de igual poder, de força igual, e
nem se destruem, nem se repellem.

A gratidão significa e suavisa o co-
ração do homem, como a mão do cur-
tidor suavisa e eleva o valor da engor-
durada e ensanguentada pelle.

A perversidade atrophia e endurece
a nobreza do ser humano, como o ven-
to norte torna insensível e petrifica as
calmas aguas do sereno arroyo.

A gratidão enternece o individuo e
n'ella congela o amor; a perversidade
ensina a aborrecer e tem por compa-
nheira a fria indifferença ante as maio-
res amarguras.

A sociedade deprecia o ingrato, af-
fasta-o de todas as considerações, re-
tira-lhe a sua amizade e não o admitte
no seu seio; pois se Deus nos man-
da pagar o mal com o bem, faltamos

ao seu mandato com a nossa original
imperfeição, e cumprimos a ignorada
lei de que nenhum homem pode levar
a cabo, pode fazer nem construir uma
obra tão perfeita como a representada
pelo seu proprio auctor.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A *Porta do Céu ou thesouro inexgo-
tavel de consolações da alma*, com-
pilado e composto d'algumas obras re-
ligiosas de notavel merecimento appro-
vadas pela Santa Igreja Catholica e
enriquecido de muitas passagens da
Sagrada Escripura, adaptadas ao as-
sumpto por Henrique de Carvalho, pro-
fessor e escriptor publico, é um devo-
cionario de 632 pag. que nos parece
excellente.

Traz este devocionario as *Visitas ao
SS. Sacramento e a Maria Santissima*
— *oração mental* — *via sacra* — *differen-
tes ladainhas* — *novenas* — *hymnos* — *modo
de assistir aos moribundos* — *jaculatorias
para alcançar boa morte* — *devoções so-
bre o Sagrado Coração de Jesus* — *Ro-
sario*, etc., etc., etc.

E' um volume bem impresso, sendo
o seu preço 600 reis, com uma elegante
encadernação, e por duzia 500 reis.

Em papel especial 800 reis, e mais,
segundo a encadernação.

Ao seu editor, A. J. de Mesquita
Pimentel, agradecemos a offerta.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Tomada de Joppe

(Vid. pag. 61)

JUDAS Machabeu poz cerco a Ga-
zara, onde se havia refugiado Thi-
moteo, e no quinto dia entrou na for-
taleza, sendo mortos Thimoteo e Cheréas,
seu irmão.

Lysias, regente do reino no tempo de
Antiocho Eupator, juntou oitenta in-
fantes e toda a cavallaria e invadiu a
Judéa, para tirar vingança d'aquelle
desastre; porém Judas Machabeu ma-
tou lhe em combate cerca de doze mil
homens, e Lysias, convencido de que
os Judeus seriam insensíveis com o au-
xilio do seu Deus, mandou-lhes embai-
xadores para ajustarem pazes, as quaes
foram concluidas, ficando aos Judeus a
liberdade de exercerem o seu culto.

Os governadores dos paizes visinhos
postergaram todas as clausulas do tra-
tado.

Os Israelitas eram por toda a parte
victimas da mais atroz perfidia. Os ha-
bitantes de Joppe convidaram os Judeus

residentes n'aquella cidade para uma diversão no mar, e tendo elles acceitado o convite, foram traigoeiramente mortos mais de duzentos.

Judas para vingar a morte d'aquelles infelizes, incendiou Joppe e todos os navios que estavam no seu porto. Depois d'este feito caiu sobre varias cidades das nações e tomou Casphin ou Hesebon.

Timotheo estava do outro lado do Jordão com cento e vinte mil homens; mas, apesar da desproporção das forças, Judas atacou-o, e n'esta batalha morreram perto de trinta mil do inimigo.

O general Thimoteo foi aprisionado pelos Israelitas; tendo porém prometido restituir os prisioneiros que tinha em seu poder, foi immediatamente solto por Judas Machabeu.

Depois de ter vindo solemnizar a Paschoa em Jerusalem, saiu outra vez Judas a campo e derrotou Gorgias, governador da Iduméa. N'este combate perderam os Israe'itas mais gente que de costume, e, quando se procedia ao enterramento dos mortos, viu-se que tinham por dentro das tunicas amuletos consagrados aos idolos de Jamnia. Os Machabeus attribuiram a esta superstição a perda que tinham soffrido.

* * *

S. Niceto, Bispo e Martyr

(Vid. pag. 67)

O Martyrologio Romano menciona no dia 20 de março S. Niceto, bispo de Apollonia, cidade dos confins da Bithynia, sob a metropole de Nicomedia, onde os hereges iconoclastas se mostraram crudelissimos, como em nenhuma outra parte, contra os catholicos, em tempo que florescia n'ella este eminente Prelado, que foi por meados do seculo oitavo.

De Niceto referem os escriptores que foi um varão constante na fé orthodoxa, acerrimo defensor da religião christã, admiravel na piedade, liberal em favorecer os pobres, esclarecido no conhecimento das coisas divinas, e d'uma grande eloquencia.

Quizeram os hereges obrigar-o a negar o culto ás sagradas imagens; e como não podessem abalar a sua fortaleza, condemnaram-no a varios desterros, no ultimo dos quaes veio a fallecer pelos annos de 735, segundo o cómputo de Baronio.

RETROSPECTO

A favor dos Jesuitas

O Centro parlamentar allemão apresentou de novo uma proposta pedindo a abolição da lei contra os Jesuitas.

Commemoração da redempção do genero humano

A comissão encarregada de levar a effeito o acto solemne de fé e de amor a Nosso Senhor Jesus Christo no fim do seculo XIX e no principio do vindouro, cujo presidente é o Em.^{mo} Cardeal Jacobini, Nuncio que foi de Sua Santidade em Lisboa, vendo approvados e abençoados os seus esforços por Breve pontificio, está empregando grande actividade nos seus trabalhos para em breve fazer um chamamento a todas as associações catholicas do orbe com o fim de que a homenagem seja o prologo d'um accrescentamento de zelo necessario para conseguir o reinado social de Jesus Christo.

Descobrimto archeologico

Dizem os jornaes estrangeiros que, graças ao sabio doutor Grobb, foram descobertas as taboas da lei de Moyses.

O referido sabio, fazendo ha pouco uma ascensão ao monte Sinai, encontrou duas taboas de pedra com vestigios de inscrições que, embora apagadas, estão ainda assim conservadas, graças a uma especie de vitrificação que se observa com frequencia n'aquellas paragens, na superficie dos rochedos.

As taboas tem 80 centimetros de altura por 20 de largo e foram levadas provisoriamente para Tor, aonde irão, para as examinarem e decifrarem os signaes que conteem, varios sabios archeologos.

Uma oportuna sociedade de Padres

Na diocese d'Auch, em França, trata-se de fundar uma associação, creada exclusivamente pelos Padres da diocese, sob o titulo de União Sacerdotal: a inscrição dos socios terminou no dia 16 de fevereiro.

O fim d'esta associação é proteger o clero contra as calumnias que frequentemente lhe são levantadas pela imprensa sectaria. O 1.º artigo dos estatutos diz:

«Com o nome de União Sacerdotal será estabelecida na diocese uma associação particular, composta exclusivamente de sacerdotes, a fim de proteger a honra do clero da diocese contra os ataques injustos da imprensa, contra todas e quaesquer diffamações, e bem assim defender seus membros de quaesquer perseguições, por motivo de exercicio do seu ministerio.»

Não lhes parece que uma tal associação até entre nós vinha muito a proposito?

Em França está já fundada n'umas poucas de dioceses.

A Universidade mais antiga do mundo

A Universidade mais antiga do mundo é a de Fez, Marrocos, fundada no seculo XI por uma senhora de Kalrouan, Tunez, chamada Fama, a Santa. Não só é a primeira em antiguidade, mas, no undecimo seculo, foi quasi o unico lugar onde acudiam a instruir-se os christãos e os arabes.

Não é duvidoso que Fez contasse n'aquella epoca estudantes hespanhoes, francezes e até inglezes. Ainda hoje é o foco occidental do ensino da theologia.

Sob o ponto de vista scientifico, os cursos d'esta Universidade não são dos mais elevados. A maior parte dos estudantes que para alli vão apenas sabem lêr e escrever, mas alguns sahem d'alli juriscultos eruditos.

O numero dos estudantes é aproximadamente de mil, dos quaes 400 são de todas as partes do mundo musulmano pensionados para professores, sacerdotes e juizes de seus concidadãos.

O que são os socialistas

Entre as cidades conquistadas pelos socialistas, Marselha occupa o primeiro lugar.

Ora a conquista dos poderes publicos pelos socialistas deve certamente trazer, segundo a sua doutrina, a prosperidade geral.

E' talvez devido a isto que de Marselha enviaram a *L'Univers* o telegramma seguinte:

«Em dous dias morreram aqui tres pessoas de fome. Ha algum tempo que as mortes d'este genero se multiplicam pelo motivo da grande miseria que reina na cidade.

Na ultima noite, duas mulheres, Claudina Rognon e Catharina Krempf, morreram de fome: uma d'ellas foi recusada no hospital, morrendo na rua!»

Um dos primeiros cuidados dos magistrados socialistas de Marselha foi votar, logo depois da sua posse, um abono illegal no orçamento da cidade.

Estes, ao menos, não morrem de fome.

Deixam morrer de fome os seus administrados para lhes conservar os administradores.

Precauções contra o mildio

Lê-se no «Jornal Horticulo-Agricola»:

«Temos ouvido dizer a muitos viticultores do Minho que, visto o mildio não ter causado prejuizos sensiveis no anno findo, estão resolvidos a abandonar os tratamentos cupricos no corrente anno. Ora, parece-nos isso um grande erro, de que terão mais tarde de se arrender.

Desde que esta cryptogamica é co-

nhecida na Europa, sabe-se que não produz todos os annos os mesmos estragos, propagando-se mais ou menos intensamente, segundo as condições meteorologicas; portanto, pelo facto de haver sido benigna em 1896, não quer isso dizer que em 1897 não possa causar graves prejuizos, sobretudo onde não encontre obstaculos a vencer. E', pois, muito conveniente que não se abandonem as sulphatações e que se façam sobretudo os tratamentos preventivos a 2 ou 2 1/2 p. c. Um segundo tratamento a 3 p. c. tambem é muito recommendavel, e se o tempo não correr humido, talvez que seja o sufficiente para obstar aos effeitos do mal.

Mas, deixar as videiras sem protecção alguma, será correr um grande risco, e aquelles que affirmam que tão boas se encontram as vinhas tratadas como as não tratadas, estão muito illudidos. O tempo ha-de convencer-os de que isso não é assim.»

A maçonaria italiana derrotada pelos catholicos

Recordam-se os leitores do grande triumpho dos catholicos e da derrota dos *italianissimos* ou mações nas eleições municipaes?

Agora a seita soffreu um novo fracasso. Os Ir. eram donos absolutos do Collegio dos Advogados; mas na recente eleição da junta directora, os juriconsultos catholicos, unidos e compactos, disputaram os lugares aos seus inimigos e conseguiram que a candidatura catholica sahisse completamente triumphante.

Cidade governada por mulheres

Caylord é uma pequena cidade nos Estados-Unidos da America, que é governada exclusivamente por mulheres. E' governadora a sr.^a L. Kaskal; o conselho municipal é composto só de mulheres; o chefe de policia é a sr.^a Mary Goete, e a sr.^a Florence Headly dirige o *Gaylord Herald*, jornal da localidade.

Valor dos dentes chumbados

Como se sabe, ha muitos annos já que os dentistas, para chumbarem os dentes, empregam o ouro.

Um inglez, não sabendo em que melhor empregar o seu tempo, poz-se a calcular o valor do ouro actualmente disseminado pelas boccas da humanidade, chegando á conclusão de que o ouro assim immobilizado, representa a importante somma de 50 milhões de francos, ou sejam 9:000 contos da nossa moeda.

Costume especial

Em Plogastel ha um costume especialissimo e de remota antiguidade.

Este costume consiste em que os noivos devem casar-se n'uma determinada epoca, occorrendo assim que n'um dia se verificam immensos casamentos. Este anno realisou-se a 24 do mez passado, dia em que a povoação estava em festa.

Mons. Vallean deu a benção nupcial a vinte e nove pares. Antes d'estes casamentos cantaram-se officios de defunctos pelas familias dos nubentes; depois d'estes officios realisou-se a cerimonia.

Os convidados, em numero de 2:500, que não poderam entrar na egreja, estiveram no adro.

Em seguida á cerimonia foi servido um monstruoso banquete.

Este costume guarda-se religiosamente em Plogastel, e ha-de ser commovedor vêr todo o povo associar-se á alegria dos noivos, depois de ter tambem orado pelos seus antepassados.

Certamente não chegaram ainda a Plogastel os effeitos do moderno indifferentismo.

A riqueza d'uma mendiga

Uma mulher, já velha, que habitava n'um dos bairros de Santiago, Galliza, ao morrer pediu ao sacerdote que lhe assistia nos ultimos momentos, que a enterrassem juntamente com um chale que tinha sempre sobre a cama.

A velha morreu, e ao darem cumprimento ao seu pedido, notou-se que o chale pesava muito e que n'elle estavam cosidas muitas moedas de cinco pesetas.

Contou-se o dinheiro, e viu-se que subia á quantia de 750\$000 reis.

Esta mulher entregava-se á mendicidade.

Heroicidade christã

Quando os turcos acutilavam sem piedade os christãos armenios, trezentos d'estes, para subtrahir-se á carnificina de Diarbekir, refugiaram-se no consulado francez.

Ante a impossibilidade de os hospedar alli, o consul pensou em os mandar embarcar no porto mais proximo, para o qual era preciso passar por entre os soldados turcos. Como levar a cabo esta empreza? O consul não podia abandonar o seu posto; mas a sua esposa offereceu-se resolutamente aprehendel-a.

Apesar das recriminações dos turcos, pediu e obteve um salvo-conducto para si e para os seus protegidos.

Desconfiando dos bandidos de Abdul-Hamid, ordenou a caravana de maneira que levasse á frente os seus quatro filhos, um d'elles ainda de peito, e ella seguia na rectaguarda.

Assim caminharam muitos dias, vencendo mil difficuldades que os turcos

oppunham á sua marcha, até que a generosa protectora conseguiu deixar os armenios no navio que os havia de conduzir ás margens de França.

Os jornaes francezes pedem uma decoração para tão heroica senhora, que, na verdade, bem a merece.

A confissão de Danton

Em junho de 1793 um desconhecido chega á porta d'uma casa proxima á egreja de S. Germano, em Paris.

—Que deseja? — lhe perguntaram.

—Ver o cidadão minorista.

—Aqui não vive nenhum minorista.

O recém-chegado encolheu os hombros, e impellido a porta, replicou:

—O minorista espera-me; e subindo ao quarto andar, entrou n'uma pequena habitação, onde um sacerdote, que lia o Breviario, empallideceu ao vel-o entrar. Havia reconhecido aquelle homem.

Sem mais preambulos, disse:

—Venho confessar-me, snr.; queis ouvir-me?

—Ajoelhae-vos, meu filho; é apon-tando para um genuflexorio, o minorista Koravenan, sacerdote não juramentado, que chegou a ser Parocho de Saint Germain-du-Prés, ouviu a confissão d'aquelle terrivel revolucionario, cuja união com a sua segunda mulher, Luiza Gely, legitimou alguns dias depois, e a quem no momento de ir á guilhotina, no dia 5 d'abril de 1794, deu a ultima benção.

O tomate é legume ou fructo?

Eis a pergunta que ha dias se faz na America, em vista d'um caso occorrido recentemente em New York. N'um dos domingos do mez de fevereiro, um pobre vendedor ambulante velho e miseravel, chamado David Green, era preso em Essev-Markent com o seu carro de mão por andar a vender tomates n'um dia de festa.

Conduzido no dia seguinte ante o juiz Simms, por transgressão da lei dominical, segundo a qual é prohibido vender legumes, e accusado defendia-se implorando a clemencia do tribunal allegando a sua velhice, a sua absoluta falta de meios e a sua ignorancia, não julgando offender a moral em vender sómente tomates. O tribunal parecia inclinado a absolver o pobre velho, quando o juiz, como inspirado por uma luminosa ideia, exclamou: «Estaes certos de que o reu violou a lei? A venda de legumes é prohibida aos domingos, mas não a venda de fructas. Porque não ha de elevar-se o tomate á dignidade de fructa? Bem o merece, e eu confirmo o que disse, pois juro

que o tomate é fructo. Accusado eu te absolvo!»

Como poderá suppôr-se, esta extranha sentença causou não pouca surpresa, discutindo-se acaloradamente a que especie podia classificar-se o tomate.

Este não gosava de popularidade alguma na Europa, pois em alguns pontos considerava-se como venenoso, até que em 1789 os marselhezes, quando chegaram a Paris no tempo da revolução, o plantaram na grande capital, sendo desde então o seu consumo tão continuo como apreciado. No Meio-dia da França chama-se ao tomate «pommé d'amour» (*maçã d'amor*), e em Italia chamam-lhe «pomo d'or» (*maçã d'ouro*).

Dois christãos heroicos

Numa hospedaria para onde fôra transportado o snr. Baudon, ferido pela bala d'um revoltoso na noite de 23 de junho de 1848, em Paris, havia se igualmente recolhido um pobre soldado, simples tambor da guarda nacional, que tinha entrado no assalto d'uma barricada onde foi mortalmente ferido. Estendido no chão sem que ninguém pensasse em soccorrel-o, o infeliz estava no ultimo estertor.

O snr. Baudon, que se achava rodeado d'amigos, os quaes lhe tratavam as suas feridas, vendo aquelle misero alli a morrer abandonado, e não pensando nas suas proprias dôres, disse: «Meus amigos, rezemos todos por este desgraçado, nosso irmão, que vai morrer sem o soccorro do Padre e, com as nossas orações, ajudemol-o a comparecer perante Deus.» Em seguida ajoelhou-se e recitou, com os seus amigos, as orações dos agonisantes.

— No mesmo dia e quasi á mesma hora, o bravo general Damesme, attingido por uma bala, cahiu no Panthéon onde estavam intrincheirados os revoltosos. O valente soldado do exercito d'Africa era tão christão como intrepido.

do. No momento de morrer disse á Irmã de Caridade que estava a seu lado: «Não se esqueça, minha Irmã, de mandar rezar uma missa no dia em que eu fallecer, e outra pelo infeliz desconhecido que me feriu e ao qual eu perdôo de boa vontade.

Diplomacia do bebado

Um invalido emborrachava-se regularmente todos os dias: era elle devoto do vinho, e quando eu lhe fallava, diz o Abbade Laroque, antigo capellão do hospicio dos Invalidos, elle queria confessar-se.

Um dia insistiu commigo para que o ouvisse de confissão.

— Confessar-te? — lhe disse eu. — No estado de embriaguez em que te achas nunca o farei, a não ser que te compromettas a cumprir a penitencia que eu te dêr.

— Oh! se não fôr muito difficil, prometto cumpril-a.

— Será de não beberes vinho durante oito dias.

— E' impossivel... se eu promettesse faltaria á minha palavra.

— Pois bem! não te confesso. Quando uma pessoa tem uma perna gangrenada é preciso cortal-a para conservar o vigor do corpo; ou oito dias sem vinho, ou nada.

Retirei-me. Meia hora depois batem-me á porta do quarto. Era o meu invalido que me estende a mão, dizendo:

— Vamos, o snr. é um santo. Metade de agua e metade vinho, quer?

— Aceito.

Elle corrigiu-se, commetteu em tres mezes duas ou tres faltas, e, algum tempo depois, atacado por uma molestia, recebeu piedosamente os ultimos sacramentos e morreu nas mais consoladoras disposições.

As procissões em França

O tribunal da Relação de França deu uma sentença completamente fa-

voravel para os catholicos sobre as procissões de Poitiers.

Na sentença indicam-se os meios que os catholicos devem empregar para celebrar estes actos publicos, sem faltar ás rigorosas prescripções da lei.

Quem será o feliz?

Falleceu na Suissa o snr. João Luiz Edmond de Martel, pretensio representante dos antigos reis de França. O snr. Martel era celibatario e deixa uma fortuna avaliada em quatro milhões de libras sterlinas. Declara nas suas disposições testamentarias que só tem uns parentes remotos e desconhecidos, que suppõe existirem em Portugal e constituirem hoje uma das mais illustres familias da Beira Baixa. Provada a existencia d'esses parentes, serão elles os seus universaes herdeiros; no caso contrario, passam os seus avultados bens para o «Institut des enfants aveugles» da cidade de Zurich.

Um novo Messias!

O celebre jejuador Succì foi victima de um accesso de loucura, sendo por esse motivo encerrado n'um hospital de alienados, em Paris.

Como socegasse um tanto, Succì saiu d'ali em direcção a Florença. Aos jornalistas florentinos que o entrevistaram, declarou que abandonára a carreira de jejuador para se dedicar ao espiritismo, estando convencido de que é um novo Messias e póde derrubar de uma só vez dez homens, bastando para isso levantar a mão direita.

Um pobre diabo, afinal de contas!

Pão de Santo Antonio em Italia

A devoção do Pão de Santo Antonio tem-se propagado muito em Italia, sendo já innumeraveis as egrejas em que nos altares do Santo se collocam duas caixas, uma para as petições de graças e favores e outra para as esmolas.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1,5000 reis—Estados da India, China, e America, 1,5280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua a Picaria, 74—PORTO.